

Quem é que conhece os gatos? — Dar-se-á, por exemplo, o caso de o leitor pretender conhecê-los? Confesso que, para mim, a sua existência nunca foi mais do que uma hipótese razoavelmente arriscada.

Para que os animais pertençam ao nosso mundo têm, é claro, de entrar um pouco nele. É preciso que concordem, por menos que seja, com o nosso modo de viver, que o tolerem; caso contrário, avaliarão, hostis ou receosos, a distância que os separa de nós e será esse o seu modo de relação.

Vejam o que se passa com os cães: o seu relacionamento confidencial e admirativo é tal que alguns deles parecem ter renunciado às suas mais antigas tradições caninas para adorar os nossos hábitos e até os nossos erros. É exactamente isso que os torna trágicos e sublimes. A sua decisão em nos admitirem força-os a habitar, por assim dizer, os confins da sua natureza que ultrapassam constantemente com o seu olhar humanizado e o focinho nostálgico.

Mas qual é a atitude dos gatos? — Os gatos são gatos, simplesmente, e o seu mundo é o mundo dos gatos do princípio ao fim. Eles olham-nos, dirão os lei-

tores! Mas poderemos alguma vez saber se realmente se dignam alojar, por um instante, no fundo da sua retina, a nossa fútil imagem? Talvez nos oponham apenas, ao fixarem-nos, uma recusa mágica com as suas pupilas para sempre completas? — É verdade que alguns de nós se deixam influenciar pelas suas carícias meigas e eléctricas. Mas que esses se lembrem da estranha e súbita distração com que o seu animal favorito põe muitas vezes fim a essas efusões, que julgavam ser recíprocas. Também eles, esses privilegiados admitidos junto dos gatos, foram renegados e desconsiderados inúmeras vezes e, ainda que apertando contra o peito o animal misteriosamente apático, sentiram-se detidos no limiar desse mundo que é o dos gatos, e que apenas eles habitam, rodeados de circunstâncias que nenhum de nós poderá adivinhar.

Terá o homem alguma vez sido seu contemporâneo? — Duvido. E asseguro-vos que, por vezes, ao crepúsculo, o gato do vizinho salta através do meu corpo, ignorando-me, ou para provar às coisas espantadas que eu não existo de modo nenhum.

Estarei errado, querendo associar-vos a estas reflexões, ao mesmo tempo que os quero conduzir até à história que o meu pequeno amigo Baltusz vos vai contar? É verdade que ele a desenha sem dizer mais nada, mas as suas imagens serão mais do que suficientes para satisfazer a vossa curiosidade. Porquê, então, as repetiria sob outra forma? Prefiro acrescentar-lhes aquilo que ele não disse ainda. Façamos, pois, o resumo da história:

Baltusz (penso que tinha dez anos nessa altura) encontra um gato. Isto passa-se no castelo de Nyon que, sem dúvida, o leitor conhece. Permitem-lhe levar o seu trémulo achado e ei-lo de viagem com ele. É o barco, é a chegada a Genebra, ao Molar, é o *tramway*. Ele introduz o seu novo companheiro na vida doméstica, abastece-o, estraga-o com mimos, acarinha-o. «Mitsou» aceita alegremente as condições que lhe propõem, rompendo, por vezes, a monotonia da casa com uma qualquer improvisação divertida e ingénua. Acharão um exagero que o seu dono, ao passeá-lo, o prenda com um incómodo fio? É que ele desconfia de todas as fantasias que atravessam o coração do gato, amável, mas desconhecido e aventureiro. Contudo,

não tem razão. Mesmo a perigosa mudança de casa é realizada sem nenhum acidente e o pequeno animal caprichoso adapta-se ao novo meio com uma divertida docilidade. Depois, subitamente, desaparece. A casa alarma-se; mas, Deus seja louvado, desta vez não é nada de sério: Mitsou é encontrado no meio do relvado e Baltusz, longe de ralhar ao seu desertor, instala-o nos confortáveis tubos do aquecedor. O leitor apreciará, tal como eu, a acalmia, a plenitude que se segue a esta angústia. Ai de mim! É apenas uma trégua. Por vezes, o Natal revela-se demasiado sedutor. Comem-se bolos, um pouco sem pensar; fica-se doente. E para que a cura chegue, dorme-se. Mitsou, aborrecido com o vosso sono demasiado prolongado, em vez de vos acordar, evade-se. Que susto! Felizmente, Baltusz já está restabelecido e pode lançar-se em busca do fugitivo. Começa por rastejar debaixo da cama: nada. Não vos parece bastante corajoso, sozinho, na cave, com a sua vela que em sinal de busca leva entretanto consigo para todo o lado, no jardim, na rua: nada! Vejam a sua pequena figura solitária: *Quem* o abandonou? Será um gato? — Consolar-se-ia

ele com o retrato de Mitsou que, nos últimos tempos, o seu pai esboçava? Não; havia pressentimento sobre isto; e a perda começa sabe Deus quando! É definitivo, é fatal. Volta a casa. Chora. Mostra-vos as suas lágrimas com as duas mãos.:

Olhem bem para elas.

Eis a história. O artista contou-a melhor do que eu. O que falta ainda dizer? Pouco.

Encontrar uma coisa é sempre agradável; um momento antes e ela ainda não estava lá. Mas encontrar um gato: é extraordinário! Porque este gato, o leitor estará certamente de acordo, não entra completamente na vossa vida, como aconteceria, por exemplo, com um brinquedo qualquer; mesmo pertencendo-vos agora, permanece um pouco de fora, e isso faz sempre:

a vida + um gato

o que dá, asseguro-vos, uma soma enorme.